

Artigo / Article

# As “Cartas Lisbonenses” (1879-1880) de Guiomar Torrezão: a educação feminina no Brasil oitocentista e o elo Portugal-Brasil no periódico paraense *O Liberal do Pará*

*Guiomar Torrezão's “Cartas Lisbonenses” (1879-1880): the female education at Brazil's 18th century and the Portugal-Brazil link in Para's newspaper O Liberal do Pará*

**Letícia dos Montes Melo** 

Universidade de São Paulo, Brasil

leticiamontes@usp.br

<https://orcid.org/0009-0009-7520-9937>

Recebido em: 31/05/2024 | Aprovado em: 20/11/2024

## Resumo

Este artigo propõe-se a analisar as doze “Cartas Lisbonenses”, publicadas pela escritora portuguesa Guiomar Torrezão, entre os anos de 1879 e 1880, no periódico paraense *O Liberal do Pará*. Com o amparo do método filológico (Carreter, 1990), e buscando iluminar a existência tanto de Guiomar Torrezão quanto de suas destinatárias no periódico supracitado, este estudo centra-se numa discussão acerca da prática letrada de mulheres oitocentistas, ou seja, a leitura e a escrita como atividades femininas, para então definir um percurso que tanto interliga a educação feminina oitocentista às práticas letradas femininas quanto alumbra uma conexão epistolográfica entre Portugal e Brasil.

**Palavras-chave:** Filologia • Epistolografia • Imprensa periódica

## Abstract

This article analyzes the twelve ‘Cartas Lisbonenses’, published by the Portuguese writer Guiomar Torrezão, between the years 1879 and 1880, in the newspaper *O Liberal do Pará*. Relying on the philological method (Vasconcelos,

1911), the study aims to shed light on the existence of Guiomar Torrezão and her recipients in the aforementioned newspaper. This study focuses on a discussion about the literacy practices of nineteenth-century women, namely reading and writing as female activities, to define a path that interconnects both nineteenth-century female education and female literacy practices, as well as illuminates an epistolographic connection between Portugal and Brazil.

**Keywords:** Philology • Epistolography • Periodic press

## Introdução

Trazer à tona a produção de Guiomar Torrezão, escritora portuguesa do século XIX, na imprensa periódica lusófona, e em especial na imprensa periódica brasileira, é retomar discussões que partem de questões de gênero, englobando o mundo das letras femininas, sobretudo da educação feminina nos oitocentos e nos séculos anteriores, permitindo traçar um percurso que interliga a leitura e a escrita praticada por mulheres, em Portugal e no Brasil.

As chamadas “Cartas Lisbonenses”, doze no total, foram redigidas por Guiomar Torrezão e endereçadas às leitoras paraenses do periódico *O Liberal do Pará* ao longo dos anos de 1879 e 1880. Publicadas na seção de folhetins, centravam-se nos mais variados temas relacionados ao universo feminino oitocentista, como discussões acerca de moda, assuntos de cunho doméstico e compartilhamento de receitas. Mas, sobretudo, revelavam dois importantes elementos: a escrita e a leitura de mulheres.

Por meio do labor filológico, este artigo concentra-se no estudo das “Cartas Lisbonenses” de Torrezão, interligando-as às questões de gênero relacionadas às práticas letradas femininas e a uma conexão Brasil-Portugal existente no século XIX. A Filologia, enquanto ciência do texto, é uma área do conhecimento que estuda fenômenos linguísticos, literários e culturais de um povo ou de um grupo de povos por meio de textos escritos (Carreter, 1990, p. 187). Segundo Vasconcelos (1911), o labor filológico consiste, a princípio, em “retroceder até chegar às origens”, ou seja, ir às fontes, aos originais, aos manuscritos, para então ver-se diante de uma leitura inequívoca de sua época. Para tanto, a Filologia se utiliza de algumas ferramentas teóricas, como a transcrição conservadora de textos escritos, que, segundo Toledo Neto (2020, p. 193) deve ser detalhada e cuidadosa, visto que “A decifração e a transcrição corretas de uma fonte manuscrita fazem parte das tarefas fundamentais do trabalho filológico”. A partir do trabalho de transcrição conservadora, delimitou-se o corpus deste artigo, as doze “Cartas Lisbonenses” de Guiomar Torrezão publicadas no periódico *O Liberal do Pará* entre os anos de 1879 e 1880.

Este artigo subdivide-se em quatro eixos: 1. retomada das origens da produção escrita de Guiomar Torrezão, e sua colaboração em periódicos portugueses e brasileiros, principalmente, femininos; 2. panorama da história do periódico *O Liberal do Pará*, remontando ao seu histórico partidário; 3. histórico do gênero carta no século XIX, explorando

o que significava escrever cartas nesse século e um alubrimento da prática de publicação de cartas em periódicos; 4. discussão da relação entre educação feminina oitocentista lusófona e práticas letradas femininas, tendo como base a análise das "Cartas Lisbonenses", de modo a interligar a educação feminina à emancipação dessas mulheres.

## 1 Guiomar Torrezão: produção escrita e contribuição em periódicos portugueses e brasileiros

Segundo Luca (1999), Guiomar Torrezão era "a George Sand de Portugal" e uma das primeiras mulheres a "viver das Letras", ou seja, a sustentar-se por meio de sua produção periódica e literária. Torrezão nasceu em 1844 e faleceu em 1898, vítima de uma falência cardíaca. Nunca se casou ou teve filhos e, ao longo de sua vida, construiu uma carreira sólida no mundo das letras. A princípio, motivada a sustentar sua família, que sofria com a perda precoce do patriarca, deu aulas de instrução primária e de francês aos dezesseis anos e, tempos depois, consolidou seu nome na imprensa periódica lusófona, publicando artigos de opinião, prosa e poesia em folhetins, para então publicar também seus primeiros livros de contos, romances e dramas. Sua produção literária, inclusive, é extensa, como levantaram Flores, Duarte e Moreira (2009):

O século XVIII e o século XIX (peça teatral, 1867); Uma alma de mulher (romance, 1869); Na Madeira (1870); Rosas pálidas (1873); A família Albergaria (1874); Dois garotos (drama em 5 actos, 1879); Um cão de pastor no gelo (contos, 1880); A crisálida (1883); Idílio à inglesa (contos modernos, 1886); Meteoros (1874); O fraco da baronesa (comédia em 1 acto, 1878); No teatro e na sala (1881); A comédia do amor (1882); Educação moderna (comédia em 3 actos, 1884); Contos modernos (1886); Paris (1888); A avó (1889); Henriqueta (romance, 1890); Severina (1890); Diário de uma complicada (1894); A estação de Paris: Flávia (contos, 1896); A comédia do amor (1897); Batalhas da vida (1898); Naufrágio do brique Colombo (drama, 1898) (Flores; Duarte; Moreira, 2009, p. 117).

Torrezão fundou o periódico *Almanach das Senhoras* em 1871, junto à sua irmã, Maria Felismina de Noronha Torrezão. O periódico teve uma duração de 58 anos (Lopes et al, 2023), o que representou um importante marco na história dos periódicos femininos, que não tinham tanta longevidade. O *Almanach das Senhoras* viria a se consolidar como "um espaço de exercício da solidariedade mútua de mulheres de letras portuguesas e brasileiras" (Araújo, 2008, p. 149).

Em 1887, a escritora fundou o periódico *O Mundo Elegante*. Foi colaboradora em outros periódicos portugueses, como o *Ribaltas e gambiarras*, no qual foi redatora e utilizou o pseudônimo Delfim de Noronha em seus primeiros dez números, enquanto nos seguintes passou a assinar com o próprio nome, e o *Diario Illustrado*, no qual utilizou, além do próprio nome, o pseudônimo Gabriel Cláudio.

No Brasil, Torrezão publicou em periódicos como o carioca *O País*, e o paulista *Diário Popular*. No periódico feminino *A Mensageira*, Torrezão apresentou profusa e diversificada contribuição (Barp; Zinani, 2019, p. 202), publicando artigos de opinião, prosa e poesia, e em especial o poema *Beatriz*, que consta transcrito na sua biografia documentada na Biblioteca Nacional Digital (BND). *A Mensageira*, sob direção da brasileira Presciliana Duarte de Almeida, circulou no curto período entre os anos de 1898 e 1899, teve 36 números publicados, e publicações interrompidas após a morte do filho de Presciliana (Barp; Zinani, 2019, p. 201). Inicialmente, apresentava frequência quinzenal, passando, no início de 1899, a ter frequência mensal. Com enfoque literário, dirigia-se a um público leitor feminino, e apresentava em sua lista de contribuidores inúmeras escritoras.

Torrezão, então, foi uma mulher à frente do seu tempo que se destacou por ser não apenas uma escritora profusa, como também por ser um nome que circulava fortemente tanto em Portugal, quanto no Brasil, interligando ambos os países.

## 2 O Liberal do Pará: um periódico do partido liberal

“Talvez que a esta geração não seja dado ver raiar o dia da democracia em toda a sua pureza, mas nem por isso ella deve desanimar; cumpro-lhe legar à futura geração, aquillo que não coube-lhe a ditar do ser legado pela geração passada.”  
*O Liberal do Pará*, n. 1, 10/01/1869. p. 1.

O periódico *O Liberal do Pará*, impresso na tipografia do *Jornal do Amazonas*, circulou na capital paraense durante os anos de 1869 e 1889, e tornou-se conhecido por voltar-se para questões políticas, mas também por incluir em seus números uma série de artigos que buscavam servir de entretenimento para o público leitor (Resque, 2019). Os números do periódico estão disponíveis para acesso na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital (BND)<sup>1</sup>.

O primeiro número do periódico<sup>2</sup>, publicado a 10 de janeiro de 1869, em Belém do Pará, informava ao leitor que, dado o fim do periódico liberal *Jornal do Amazonas*, surgiu a necessidade de criação de um novo periódico que servisse como porta voz dos ideais do partido liberal: “O apparecimento, pois, do—Liberal do Pará é a prova mais valente que o partido liberal podia ora dar da sua [vitalidade]” (p. 1). No início da apresentação, indica-se que o objetivo d’*O Liberal do Pará* é “defender, é sustentar, é difundir as ideias liberaes e fal-o-ha, se não do melhor modo possível, ao menos como permittirem suas forças” (p. 1).

O periódico passaria, então, a publicar de terça a domingo, em Belém do Pará, ao longo de seus vinte anos de existência, um conteúdo de cunho político e literário, para além de noticioso e comercial (Pinheiro, 2014). Sua prosa ficcional, segundo Sales (2013, p. 89), mantinha-se fiel ao modelo jornalístico francês, publicando, tal qual outros periódicos

<sup>1</sup> Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/liberal/704555>. Acesso em: 08 jan 2025.

<sup>2</sup> Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/pdf/704555/per704555\\_1869\\_00001.pdf](https://memoria.bn.gov.br/pdf/704555/per704555_1869_00001.pdf). Acesso em: 08 jan 2025.

belenenses, majoritariamente versões portuguesas e poucos textos nacionais; também, em maioria traduzida, essa prosa, segundo Pinheiro (2014), centrava-se em temáticas relacionadas ao feminino, visto que eram as mulheres as maiores consumidoras das colunas nas quais se publicavam prosa de ficção.

### 3 O gênero epistolar em Portugal e no Brasil do século XIX

O gênero carta intensifica-se no Brasil por intermédio de Portugal nos oitocentos (Azevedo; Ferreira Jr., 2020). A redação de cartas está, a princípio, profundamente relacionada à materialidade desse texto, ou seja, ao suporte no qual ele era redigido e, portanto, posto à circulação. Esse gênero, de início bastante pessoal e de caráter não-literário, passou a ser também publicado em suportes impressos, como livros, e não manuscritos, assim tornando-o um dos gêneros fundadores da escrita em jornais e periódicos (Barbosa, 2011, p. 332).

O gênero epistolar não era considerado literatura no século XIX pois, até o fim dos oitocentos, “[...] o que parece ser Literatura são textos que mantêm certo caráter didático, aquele antigo, que englobava a eloquência, a poesia, a história, a crítica e também as ciências” (Barbosa, 2005, p. 6). O impresso, no século XIX, exercia o papel de propagador de notícias, anúncios e comércios. Por ser um suporte de rápida e eficaz circulação, os jornais e periódicos colocavam-se às pessoas como um veículo de instrução social (Queiroga e Barboza, 2017, p. 5). A carta, portanto, passa a ter um caráter pedagógico por intermédio desse novo suporte de publicação e circulação.

Tendo isso em vista, Barbosa (2011, p. 265) afirma que a retórica é a chave de interpretação para a literatura do século XIX. O seu ensino, no Brasil, era oferecido principalmente por meio de manuais redigidos em prol do ensino da disciplina, a exemplo do manual de Francisco Freire de Carvalho, *Lições elementares de eloquência nacional* (1851)<sup>3</sup>, e do manual do Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, *Lições de eloquência nacional* (1846)<sup>4</sup> (Barbosa, 2011, p. 264).

Paralelo aos manuais de retórica, havia os manuais epistolares, como o *Novo Secretario Portuguez ou Código Epistolar* (1860)<sup>5</sup>, de J. I. Roquette. Esse tipo de manual, que circulou em Portugal e na Corte do Rio de Janeiro no século XIX, tinha como objetivo o ensino da escrita de cartas, servindo também como um instrumento civilizatório para essa camada social da população. J. I. Roquette ainda escreveu, anteriormente, o *Manual do bom tom ou regras de civilidade e de bem viver* (1845)<sup>6</sup>, que, da mesma forma, propunha uma série de determinações

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7135>. Acesso em 08 jan 2025.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7871>. Acesso em 08 jan 2025.

<sup>5</sup> Disponível em: [https://books.google.pt/books?id=2-Q9AAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?id=2-Q9AAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false). Acesso em 08 jan 2025.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k131713t>. Acesso em 08 jan 2025.

de boas maneiras a serem seguidas, inclusive já propondo uma rígida estrutura para a prática epistolar. Os manuais de instrução civilizatória buscavam ensinar como se vestir, como conversar, como comer, entre outros adventos da socialização (Queiroga; Barboza, 2017, p. 6).

Foi por meio dos manuais de retórica, dos manuais de boas maneiras e dos manuais epistolares que houve uma padronização no estilo de redação de cartas no século XIX, e a circulação desses manuais moldou as práticas de redação de cartas, logo, influenciou nas práticas epistolares em jornais e periódicos nacionais (Barbosa, 2011, p. 264).

## 4 "Cartas Lisboenses": a prova da mulher que escreve e lê

### 4.1 As práticas letradas femininas no Portugal e no Brasil do século XIX

O jesuíta luso-brasileiro Alexandre de Gusmão, considerado o primeiro pedagogo do Brasil, na sua obra seiscentista de instrução à criação de crianças, *Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia* (1685), dedica um capítulo à educação feminina, "Do cuidado especial que se deve ter na criação das meninas", no qual reforçou a importância de uma mulher saber ler e escrever, e, se religiosa, ter algum conhecimento de Latim.

No século XVIII, em Portugal, já se discutia a educação feminina como um meio de alcançar um fim; na obra *Cartas sobre a educação da mocidade*<sup>7</sup>, Sanches afirma que "o sexo feminino são os primeiros mestres do nosso" (1922, p. 190), elaborando uma introdução à *maternidade social* de Neves (2015, p. 74), e reforçando que a primeira abertura para a mulher no mundo das letras deu-se a partir de um valor social atrelado a esse aprendizado. O primeiro colégio português para meninas foi fundado em 1782, no Convento da Visitação. Entretanto, segundo Lopes, na obra *Mulheres, espaço e sociabilidade* (1989), era na socialização que residia o mais furtivo aprendizado feminino, visto que uma mulher deveria ser agradável o suficiente para entreter o marido, em forma de uma "educação condicionada" (Lopes, 1985, p. 93), na qual a mulher aprendia para então servir à sociedade. Esse aprendizado partia do ensino da leitura e da escrita, mas também da música, da dança, das prendas, e da conversação, para que assim fossem essas moças devidamente apresentadas à sociedade.

Segundo Pedro (2006, p. 232), "A primeira profissão feminina, de carácter intelectual, foi a de professora". O incentivo ao letramento de mulheres no século XIX ainda partia de uma noção de que a mulher deveria ser educada para então educar seus filhos, e o exercício da maternidade estendia-se para a instrução de crianças, e então para a redação de literatura infantil, ou seja, a denominada maternidade social, que se utilizava da educação feminina para construir as bases de uma sociedade letrada. Pedro, a partir disso, afirma que, diante do pressuposto social da maternidade e da docência, a feminização da educação primária foi, portanto, um divisor de águas para o avanço das práticas letradas femininas.

---

<sup>7</sup> Cartas redigidas entre 1699 e 1783.

No Brasil imperial do século XIX, a educação feminina também apresentava caráter de *letramento social*. Segundo Cunha e Silva (2010, p. 99), em agosto de 1827, foi discutido no parlamento quais seriam os assuntos prudentes a serem abordados na educação de meninas. No dia 29 de agosto, o Marquês de Caravellas propôs uma emenda que limitava o aprendizado de aritmética a quatro operações, sem incluir o ensino de geometria prática. A educação feminina era comumente relacionada, somente, “ao ensino das prendas femininas e na aprendizagem das ‘boas maneiras’” (Pedro, 2006, p. 233). Na emenda do Marquês de Caravellas, no entanto, a redação foi incentivada (Brasil, 1827a, p. 278).

A mulher pobre do século XIX, porém, não tinha acesso às mesmas oportunidades de aprendizado que as mulheres de classe social alta. Cunha e Silva (2010) reforçam a condição dessas mulheres:

[...] eram mães solteiras que viviam sozinhas, concubinas que mantinham com a força de seu trabalho suas famílias, ou, então, mulheres que conseguiam dividir as responsabilidades de criação e manutenção dos filhos com seus homens. Eram doceiras, engomadeiras, lavadeiras, prostitutas, costureiras, que andavam pelas ruas sobrevivendo do comércio ambulante, livres, sem serem importunadas, o que era praticamente impensável para as mulheres de classes mais abastadas. O trabalho informal era uma parte da estratégia de sobrevivência das mulheres pobres; ainda que vistas como submissas, estas mulheres tinham atitudes independentes, porém, sua condição sexual tornava-se um agravante para a sua condição social (Cunha; Silva, 2010, p. 102)

A partir disso, vê-se que era baixo o nível de instrução das mulheres portuguesas e brasileiras no século XIX, sendo um privilégio não somente das classes mais abastadas, como também de mulheres que tinham apoio familiar, em especial apoio dos homens ao seu redor, como pais, irmãos e maridos (Eleutério, 2005, p. 19), pois, à mulher, preferiam-se valores de “recato, docilidade e obediência ao pai e depois ao marido” (Pereira, 2004, p. 116). No lar, essas mulheres deveriam exercer as funções sociais para as quais eram preparadas desde a infância, ou seja, de boa dona de casa, esposa e mãe. A educação feminina era requerida para que essa mulher fosse uma boa companhia ao seu marido e uma boa educadora para seus filhos, limitando-a de alcançar um nível mais elevado de emancipação social.

Em relação à prática epistolar feminina no século XIX, a carta era, junto aos diários, no século XIX, uma das expressões escritas femininas de maior volume e aceitação social, visto que essas mulheres, majoritariamente reclusas no espaço doméstico, eram vetadas de uma expressiva participação da vida pública, e a carta, por ser um documento inicialmente de caráter privado, não viria a ser divulgada (Pereira, 2004, p. 115-119).

## 4.2 As “Cartas Lisbonenses” e o gênero folhetim

O fim do século XIX, quanto a seu contexto cultural, caracterizou-se pela *Belle Époque*, e, nessa época, na imprensa periódica, realizava-se um movimento de inserção de um tipo textual denominado romance-folhetim, no qual um “escritor-jornalista” documentava um texto

## LINHA D'ÁGUA

que representava uma profunda fusão entre o jornalístico e o literário, como também era prática vigente na França oitocentista (Pinheiro, 2014).

O folhetim, ou *Le feuilleton*, na estrutura geográfica do periódico, localizava-se comumente no rodapé, geralmente o da primeira página, e representava um espaço destinado ao entretenimento, no qual se publicava romances, poemas, charadas, receitas de cozinha e de beleza, críticas a romances novos e peças, e mais uma gama de outros gêneros textuais (Meyer, 1996, p. 96).

Com publicações iniciadas em 27 de julho de 1879, as doze “Cartas Lisbonenses” localizavam-se, a variar entre a primeira e a segunda página do periódico, na seção Folhetim. Localizadas também por meio do trabalho de análise das pesquisadoras Tavares e Sales (2019, p. 168), no artigo “Guiomar Torrezão e as ‘Cartas Lisbonenses’: correspondência portuguesa nas páginas de ‘O Liberal do Pará’”, encontram-se disponíveis para acesso na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital. Este artigo procedeu a leitura e a transcrição conservadora dessas cartas, de forma a alumbrar a existência desses escritos amparando-se no labor filológico.

### **4.3 “[...] destinadas a entreter [...] uma despresticiosa e feminil audiência”: análise das “Cartas Lisbonenses”**

No âmbito da ciência filológica, a análise de uma obra traz uma série de contribuições para diferentes áreas que trabalham, direta ou indiretamente, com textos. Desde a recuperação e a preservação de um patrimônio cultural escrito de uma dada cultura, por meio do seu registro em novos e modernos suportes até a potencialização das análises realizadas a partir de textos que efetivamente reproduzem a forma como foi escrito originalmente ou mais próximo de seu contexto de produção (Fachin, 2024). No caso das *Cartas Lisbonenses*, de Guiomar Torrezão, isso se torna ainda mais significativo, considerando sua instância de escrita e implicações sociais.

A primeira carta lisbonense<sup>8</sup> já indicava as suas destinatárias: “Cartas lisbonenses, destinadas á entreter, tres ou quatro vezes por mez, uma despresticiosa e feminil correspondencia com as leitoras do ‘Liberal do Pará’.” (Torrezão, Carta n.º 1, n.º 169, 27/07/1879, p. 1), e dava alguma pista de sua remetente: “Creio, ou, antes crê a minha vaidade, que não lhes será totalmente estranho o nome, aliás obscuro, que as subsscreve” (Torrezão, Carta n.º 1, n.º 169, 27/07/1879, p. 1). O tom escolhido por Torrezão para a redação das cartas é bastante pessoal, ainda que haja um pressuposto distanciamento entre remetente e destinatário: “Não ter eu o prazer de conhecer a leitora, e não poder, por conseguinte, mediante o auxílio dos meus modestos processos litterarios e psychologicos, descrever a sua *corde sensible!*...” (Torrezão, Carta n.º 1, n.º 169, 27/07/1879, p. 1).

---

<sup>8</sup> Disponível em: [https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/704555/per704555\\_1879\\_00169.pdf](https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/704555/per704555_1879_00169.pdf). Acesso em: 08 jan 2025.



Guiomar Torrezão não era completamente desconhecida no contexto do periódico paraense *O Liberal do Pará*. Tavares e Sales (2019, p. 168), em sua prévia análise das "Cartas Lisboenses", afirmaram que a escritora fora anunciada n' *O Liberal do Pará* no número 270 do ano de 1873, no dia 28 de novembro, a respeito do anúncio de um drama de autoria da escritora, com título de *Amor de Filha*:

D. Guiomar Torrezão. — A distinta e elegante escriptora d. Guiomar Torrezão, acaba de ler no Gymnasio um drama original em 3 actos, a que deu o titulo de *Amor de filha*, esplendida estreia daquelle formosissimo talento. É esperado com anciedade na scena d'aquelle theatro, onde vae entrar em ensaios (O Liberal do Pará, n.º 270, 28/11/1873).

A primeira "Carta Lisboense" apresenta o "assumpto principal, o *mot d'ordre*, em volta do qual é de suppôr que a minha desinquieta e caprichosa penna bórde umas ligeiras variações" (Torrezão, Carta n.º 1, n.º 169, 27/07/1879, p. 1) do folhetim: a moda. Segundo Torrezão,

Tomaremos de mais alto a sciencia de vestir, mediante a qual a mulher educa, disciplina e corrige o seu physico, dentro da esphera que lhe assignou madame de Girardin; estudaremos a moda nas suas diversas applicações, consoante o papel que é chamada a representar na nossa existencia, e de que resultam os nossos mais legitimos triumphos e por vezes os nosso mais deploraveis erros, criticando o que se nos affigura susceptivel de emenda, procurando transformar as condições do gosto e emancipando o de perniciosas influencias, de tendencias baixas e aviltantes, por maneira a tornal-o o principal elemento da nossa ventura commum (O Liberal do Pará, Carta n.º 1, n.º 169, 27/07/1879, p. 1).

Ainda, há uma descrição mais específica do público leitor a quem se dirige a correspondência: "particularmente destinadas ás donas de casa" (Torrezão, Carta n.º 1, n.º 169, 27/07/1879, p. 1), visto que constituirá parte dos assuntos abordados, também, "uma collecção de pequenas receitas, applicaveis á còpa e no toucador" (Torrezão, Carta n.º 1, n.º 169, 27/07/1879, p. 1). Inclusive, ao fim da primeira carta, há já uma receita destinada a essas leitoras:

É prudente desconfiar do pó de arroz, imprudentemente falsificado! O leteiro doirado e o nome fantastico do perfumista occultam repetidas vezes uma mistura hybrida de pó de talco e carbonato de cal!  
Substituil-o-ha v. exe. vantajosamente com este, cuja receita lhe envio:  
Amido de trigo ... 100 grãos;  
Pó de raiz de Iris ... 60 grãos;  
Sub-clorato de bismuth ... 50 grãos;  
Essencia de sandalo ... 1 grão.  
Misture tudo bem e passe por um peneiro fino [ ...] (O Liberal do Pará, Carta n.º 1, n.º 169, 27/07/1879, p. 1).

A segunda carta, publicada no domingo do dia 3 de Agosto de 1879, centrou-se na prática da conversação. Torrezão inicia a correspondência abordando a arte de traduzir ideias com palavras: "Ha por ventura no mundo gôso comparavel aquelle de poder traduzir por meio de palavras, mais ou menos coloridas, as idéas que refugiam em zigue zagues pelas nossas devaneadoras cabeças?" (Torrezão, Carta n.º 2, n.º 175, 03/08/1879, p. 1).

A escritora levou às leitoras do folhetim uma visão pessoal acerca da conversação de povos diversos ao redor do mundo: "Furtando-nos, porém, a indiscretas analyses, proseguimos

muito summariamente e, para não fatigar as suas benévolas atenções, procurando examinar como é que conversam os diferentes povos do mundo, já que está provado que todos conversam” (Torrezão, Carta n.º 2, n.º 175, 03/08/1879, p. 1). Torrezão afirma que a conversação é um importante elemento presente na educação de uma mulher, “A conversação forma, pois, como iamoz dizendo á leitora, o nucleo de todos os espiritos, e [ ...] enlaça indissolúvelmente muitos corações...” (Torrezão, Carta n.º 2, n.º 175, 03/08/1879, p. 1), retomando as noções de *sociabilidade* que Neves (2015) aborda como o principal pilar da evolução da educação feminina.

Na terceira carta, Torrezão afasta-se das características epistolares ao escrever um conto que, centrado numa personagem feminina, descrevia uma transgressão a diversos valores associados ao feminino vigentes na época. A escritora classifica o texto como realista e, sobretudo, acerca de uma relação familiar, de um enlace matrimonial e sobre a felicidade da mulher:

[...] as minhas leitoras não de permittir que eu lhes conte um pequenino romance, um romance *realista*, como se diz hoje, ou por outra — uma historia verdadeira, actual, destituida de lances dramaticos e de peripecias commoventes, vulgarissima incidente da nossa chronica lisbonense, mas que encerra no fundo uma eloquente lição, que, partindo de um caso isolado, occorrido entre meia duzia de pessoas, no espaço restricto de uma casa, de uma rua ou de uma alma, poderá todavia servir na generalidade para determinarmos a origem funesta de que provêm os elementos dissolventes da familia, do casamento e da felicidade da mulher (O Liberal do Pará, Carta n.º 3, n.º 192, 24/08/1879, p. 1).

O conto centra-se em Josephina, a filha única de um banqueiro que, cercada por luxos e liberdades ao longo de seu amadurecimento enquanto moça, movida pelos romances que lia, vê-se no momento de casar-se. À procura de um homem idealizado, encontra o amor num rapaz menos abastado chamado Arthur. Para Josephina, cuja vida fora repleta de liberdades por parte dos pais, o casamento mostrou-se uma prisão à qual ela detestava. Segundo o narrador,

Os habitos de independencia, adqueridos no lar paterno e transmittidos para a existencia matrimonial, invertendo a ordem natural das cousas, produziram occorrencias verdadeiramente lamentaveis (O Liberal do Pará, Carta n.º 3, n.º 192, 24/08/1879, p. 1).

Arthur também acabou por ser, após o casamento, muito diferente do idealizado pela jovem mulher. Estarrecida, Josephina, ao fim do conto, abandona o casamento para unir-se a um visconde, enquanto o marido foge com uma dançarina de ópera. Na metade do conto, há uma descrição da educação recebida por Josephina, que serve como prova da educação feminina no Portugal oitocentista:

e Josephina, deixando de entrar n'um bom collegio francez, inglez ou allemão, que a tempo e a proposito lhe iria amputando os aleijões moraes, provenientes da viciação caseira, recebeu no seu despotico throno e na plena posse de todas as suas vontades e caprichos, a superficial e espectacular educação ministrada por meia duzia de professores adventicios, largamente retribuidos, que depois lhe ensinaram inglez, francez, piano, canto, bordado e dança, entenderam que não lhe podiam ensinar mais nada (O Liberal do Pará, Carta n.º 3, n.º 192, 24/08/1879, p. 1).

Já na quarta carta, Torrezão retoma o que ela considera como a principal temática do folhetim: a moda. Para tanto, aborda a emancipação feminina diante da autonomia da mulher ao se vestir:

[...] o que não podemos aceitar é que a mulher, que irrefutavelmente caminha para uma perfectibilidade relativa, e que dia a dia se emancipa de muitos prejuízos de educação ou de convencionalismo que obscureciam o seu espirito, recue, por obra e graça do figurino, e que se preste a ser o instrumento passivo dos caprichos absurdos das modistas parisienses, inspirados às vezes, segundo parece, pela intenção maligna de as desprestigiar (O Liberal do Pará, Carta n.º 4, n.º 204, 07/09/1879, p. 2).

Torrezão, em complemento a isso, fala sobre trabalho feminino e apresenta uma oficina de bordado inglesa que contratava apenas mulheres nobres e burguesas:

[...] ocorre-me descrever á leitora uma notavel instituição ingleza, destinada a fazer face a um dos mais arduos problemas dos nossos dias, o trabalho feminino, e como resultante a independencia da mulher, isto é o viver honesto e digno, ao abrigo da misería e das crueis humilhações ou dos expedientes vergonhosos de que ella se rodeia (O Liberal do Pará, Carta n.º 4, n.º 204, 07/09/1879, p. 2).

A oficina chamava-se “Royal School of Art-Needle Worn, (escóla real de obras artísticas, feitas á agulha.)” (Torrezão, 1879, p. 1), e funcionava “sob a esclarecida direcção de uma sociedade de senhoras da alta vida ingleza presidida pela princeza Christina, filha da rainha Victoria” (Torrezão, 1879, p. 1), para que mulheres nobres sem dote, viúvas ou deserdadas “pudessem adquirir honradamente os meios de subsistência” (Torrezão, Carta n.º 4, n.º 204, 07/09/1879, p. 2). Por ser uma oficina apenas para mulheres da alta sociedade, Torrezão afirma que se exigia que “a postulante, que devera escrever o nome no livro de registros da entrada, pertencer a uma familia nóbre ou pelo menos uma familia burgueza sem macula” (Torrezão, Carta n.º 4, n.º 204, 07/09/1879, p. 2).

A quinta carta, presente no n.º 233, 12/11/1879, apresentou severa perda de suas informações devido a um rasgo nas margens inferiores da página. Entretanto, do que restou, apreende-se que se tratava de uma carta majoritariamente acerca de uma descrição detalhada da cidade litorânea de Cascaes, em Portugal, da qual Torrezão escrevera a carta.

Na sexta carta, a primeira do ano de 1880, Torrezão introduz o tema do significado do que é ser mulher e da forma como foi historicamente retratada:

Nós as mulheres, segundo affirmam os srs romancistas psicologicos, somos as legendarias esphinges cujo eterno segredo ninguem ainda conseguiu decifra, somos o livro fechado cujas paginas misteriosas só poderão ser entendidas pelo ente predestinado que souber corresponder a todas as nossas secretas aspirações iucompre incomprensidas, fazendo se amar e subjugando-nos ao seu mando imperativo de senhor e arbitro (O Liberal do Pará, Carta n.º 6, n.º 3, 04/01/1880, p. 1).

A sétima carta estende-se, de início, sobre a política lisboense. Torrezão traz sua indignação perante a eleição dos deputados da época, reafirmando seu conhecimento e participação na política portuguesa:

E embora seja mediocrementemente interessante para as minhas queridas leitoras, e completamente alheio á forma que entendi dever dar ás humildes cartas que dirijo a vossa excellencia, a maneira como os srs. deputados saíram eleitos e entrarão gloriosos na estufa onde desabrocham á clara luz brilhante do entusiasmo civico as rubras flores scintillantes da rhetorica [ ...] (O Liberal do Pará, Carta n.º 7, n.º 14, 18/01/1880, p. 1).

Na oitava carta, Torrezão aconselha acerca do bom senso na hora de se vestir, levando-se em consideração a simplicidade e o bom gosto, propondo que ela e as leitoras paranaenses desviem-se dos “extremos exagerados” (Torrezão, Carta n.º 8, n.º 26, 01/02/1880, p. 1) na vestimenta, o que remete aos manuais de boas maneiras:

As pessoas menos abastadas, de gostos simples, que vivem modestamente no seu pequeno ninho, risonho e desprezioso, afastadas do turbilhão dos bailes, gosando no pequeno circulo dos seus intimos as suaves convivencias affectuosas, organizarão deliciosamente o seu vestuario annual, prescindindo do vestido de seda, e fazendo em troca oito vestidos, dois de cachemira dois do grenadino, dois de [linho] e dois de peroale (O Liberal do Pará, Carta n.º 8, n.º 26, 01/02/1880, p. 1).

A nona carta lisbonense inicia-se com o anúncio de que uma mulher brasileira, D. Maria Augusta Genero o Estrella, estava para se doutorar numa faculdade de medicina dos Estados Unidos, reiterando que escolhera abrir a carta dessa forma para afirmar que o Brasil dera um passo de “profundo desenvolvimento intellectual e de tão larga acção humanitaria” (Torrezão, Carta n.º 9, n.º 31, 08/02/1880, p. 1).

Torrezão anuncia, na décima carta, presente no nº 36, 15/02/1880, o livro de madame Rattazzi, *Le Portugal a vol d'ouiseau*. Madame Rattazzi foi uma mulher de letras francesa, filha de Luciano Bonaparte e irmã de Napoleão I, por quem Torrezão já nutria simpatia e, ao trazê-la múltiplas vezes em suas cartas lisbonenses, apresentava às leitoras paraenses a possibilidade de ser, tal qual Rattazzi e a própria Torrezão, uma “mulher de letras”. Além disso, Torrezão trabalhara numa tradução da obra de Rattazzi, e essa fora uma oportunidade para divulgar seu trabalho como tradutora.

Na décima primeira carta, Torrezão abre a discussão trazendo a possibilidade hipotética de as leitoras paraenses a enviarem cartas, ou seja, os “papéis se inverterem”, como enunciou: “Se fosse possível inverterem os papéis seria eu hoje que pederia a vv. exce., leitoras, que me escrevessem uma *carta paraense* em vez de lhe dirigir eu como costume uma carta lisbonense” (Torrezão, Carta n.º 11, n.º 70, 28/03/1880, p. 1).

Essa possibilidade abre precedente para uma discussão acerca da prática da escrita entre as mulheres brasileiras no século XIX. A seguir, Torrezão diz que as suas leitoras possuem “a doce regalia invejavel de não escrever [mais que] uns pequeninos bilhetes, muito íntimos e muito [?], ás tuas amigas” (Torrezão, Carta n.º 11, n.º 70, 28/03/1880, p. 1), retomando que a escrita feminina era socialmente aceita, e logo mais praticada, quando compartilhada somente na esfera privada.

A última carta lisbonense, com caráter de denúncia, inicia-se com uma importante discussão para o século XIX, o denominado “rpto amoroso”, que acometia diversas mulheres:

Duas meninas, uma de Lisboa, outra do Porto, acabam de ser raptadas nos braços carinhosos da família, a primeira por um comico do teatro de D. Maria, a segunda por um saltimbanco do [?] sr. Enrique Dias (O Liberal do Pará, Carta n.º 12, n.º 100, 02/05/1880, p. 1).

A denúncia feita por Torrezão alumbrava a realidade das mulheres oitocentistas, que, condicionadas a dedicarem-se somente ao casamento e à vida doméstica, eram privadas de continuar os estudos, e, portanto, de adquirirem conhecimentos complexos acerca do mundo que as rodeava, o que as tornava fáceis vítimas desse tipo de violência. Segundo a escritora,

[...] a mulher portugueza, educada em collegios banaes, no meio de condiscipulas pretenciosas e de professoras analphabetas, que lhe ensinam [...] a fazer mesuras, a ganir cavatinas e a repicar no piano a sentimentalidade reles do fado corrido, a fallar o francez [...], a deitar os cotovelos para fora, com passinhos miudos de boneca mechanica; [...] a mulher portugueza que nas salas, nos theatros, nos passeios, nos livros, nos jornaes recolhe periodicamente uma copiôsa [?] de calumnias gratuitas, de maledicencias idiotas, que lhe depõem no ouvido inexperiente e no cerebro oco como um balão assoprado [...], está pelas condições deficientes do seu código moral habilitada com poucas para a cambalhota funambulesca do rapto amoroso (O Liberal do Pará, Carta n.º 12, n.º 100, 02/05/1880, p. 1).

Diante da última correspondência, percebe-se que, ao longo das doze "Cartas Lisbonenses", Torrezão utilizou de sua influência para informar, mas também para denunciar. Esse ato representou um importante marco para a educação feminina, e, ao engendrar no território da moda e do comportamento, Torrezão ultrapassou os limites de seu "assumpto principal" e ofereceu às leitoras paraenses um manual não somente de boas maneiras como também de sobrevivência e emancipação.

## Considerações finais

Guiomar Torrezão, a imprensa periódica e as práticas letradas femininas são três tópicos correlacionados quando se aborda a questão da emancipação feminina em Portugal e no Brasil do século XIX. A educação das mulheres, majoritariamente condicionada, dada ainda a pequenos progressos nos oitocentos, era representativa da condição feminina oitocentista — que era a de filha, irmã, esposa e mãe.

Ao colocar-se como uma mulher de letras — uma educadora, escritora, redatora, tradutora, para além de uma série de ofícios relacionados ao universo letrado — na imprensa periódica brasileira, Torrezão punha-se também como uma porta-voz da emancipação feminina além-mar, ao expandir o conhecimento de suas leitoras paraenses por meio de cartas de caráter didático, mas também dialogal, e ao mesclar assuntos que partiam desde a moda e as boas maneiras até a leitura, a educação e o trabalho.

Portanto, de maneira disfarçada, Torrezão inseriu nas suas "Cartas Lisbonenses" importantes armas contra a ignorância feminina do século XIX. Alumbrar a existência dessas correspondências Portugal-Brasil é, logo, retomar um relevante avanço das práticas letradas em ambos os países, e, por conseguinte, os primeiros passos da emancipação feminina — seja ela social ou financeira — portuguesa e brasileira.

## LINHA D'ÁGUA

## Referências

- ARAÚJO, M. da C. P. *Tramas femininas na imprensa do século XIX: tessituras de Ignez Sabino e Délia*. 2008. 419 f. Tese (Doutorado em Letras) — Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/1894>. Acesso em 08 jan. 2025.
- AZEVEDO, N. D. de; FERREIRA JÚNIOR, J. T. Historicidade das cartas de amor: circulação de manuais epistolares portugueses no Brasil do século XIX. *Revista da ABRALIN*, v. 19, n. 3, p. 628-653, 2020. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1750>. Acesso em 08 jan. 2025.
- BARBOSA, S. de F. P. O conceito de literatura nos jornais do século XIX: um estudo dos jornais paraibanos. In: X Encontro Regional da ABRALIC, 2005, Rio de Janeiro. Sentidos dos lugares, 2005. v. 1. p. 1-6.
- BARBOSA, S. de F. P. A escrita epistolar, a literatura e os jornais do século XIX: uma história. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 30, p. 331-344, 2011. DOI: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i30.196>.
- BARP, G.; ALBERT ZINANI, C. J. A presença da portuguesa Guiomar Torresão em ‘A Mensageira’, revista literária dedicada à mulher brasileira: laços luso-brasileiros. *Convergência Lusíada*, v. 30, n. 42, p. 196-209, 29 dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.37508/rcl.2019.n42a350>.
- BRASIL. *Annaes do Senado do Imperio do Brazil*: segunda sessão da primeira legislatura de 16 de julho a 12 de setembro de 1827, tomo segundo. Rio de Janeiro: Senado Federal, 1827a. p. 278. Disponível em: <https://cutt.ly/AF3WfFB>. Acesso em 08 jan. 2025.
- CARRETER, F. L. *Diccionario de términos filológicos*. 3 ed. corr. Madrid: Gredos, 1990. p. 187.
- CUNHA, W. D. dos S.; SILVA, R. J. V. A educação feminina do século XIX: entre a escola e a literatura. *Revista Gênero*, v. 11, n. 1, 2010. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30936>. Acesso em 08 jan. 2025.
- ELEUTÉRIO, M. de L. *Vidas de Romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Editora Topbooks, 2005.
- FACHIN, P. R. M. *A Filologia e o labor do filólogo*. São Paulo: Filologando, 2024. Disponível em: <http://filologando.fflch.usp.br/filologia-e-o-labor-do-filologo>. Acesso em 08 jan. 2025.
- FLORES, C.; DUARTE, C. L.; MOREIRA, Z. C. *Dicionário de escritoras portuguesas: das origens à atualidade*. Florianópolis: Mulheres, 2009.
- GUSMÃO, A. de. Do especial cuidado que se deve ter na criação das meninas. In: *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia: dedicado ao minino de Belém JESU Nazareno*. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1685.
- LUCA, L. de. *A mensageira: uma revista de mulheres escritoras na modernização brasileira*. 1999. 581 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Campinas, 1999. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/211123>. Acesso em: 08 jan. 2025.
- LOPES, J. de S. et al. Para um estudo da escrita feminina além do cânone: Teresa Margarida da Silva e Orta, Carmen Dolores e Julia Lopes de Almeida. *Miguilim-Revista Eletrônica do Netlli*, v. 12, n. 3, p. 114-138, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.47295/mgren.v12i3.1003>. Acesso em 08 jan. 2025.
- LOPES, M. A. “IV: Novos papéis”, In: *Mulheres, espaço e sociabilidade: A transformação dos espaços femininos em Portugal à luz de fontes literárias (segunda metade do século XVIII)*. Lisboa: Livros Horizonte, 1985. p. 93-159.
- MEYER, M. *Folhetim: uma História*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- NEVES, H. Mulheres na Primeira Guerra Mundial: mudança e permanências. *Revista ResPública*, v. 14, 2015. p. 69-113.

## LINHA D'ÁGUA

*O Liberal do Pará*, n. 1, 10/01/1869. p. 1. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/liberal/704555>. Acesso em 08 jan. 2025.

*O Liberal do Pará*, n. 270, 28/11/1873. p. 1. Disponível em: [https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/704555/per704555\\_1873\\_00270.pdf](https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/704555/per704555_1873_00270.pdf). Acesso em 08 jan. 2025.

PEDRO, C. M. C. A. *Educação feminina no século XIX em Portugal*: em busca de uma consciência. 2006. 244f. Tese de Doutorado (Mestrado em Ciências da Educação) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/32374>. Acesso em 08 jan. 2025.

PEREIRA, A. C. H. A escrita feminina no século XIX: as cartas de Flora de Oliveira Lima e Eufrásia Teixeira Leite. *Revista Gênero*, Niterói, v. 5, n. 1, p. 111, 2004.

PINHEIRO, M. "Mariette e vingança de mãe: paixões perigosas na coluna folhetim de O Liberal do Pará". In: *XIV Congresso da Abralic*, Belém do Pará. Anais. Belém do Pará: UFPA, 2014. Disponível em: [https://abralic.org.br/anais/arquivos/2014\\_1434480186.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2014_1434480186.pdf). Acesso em: 08 jan. 2025.

QUEIROGA, S.; BARBOZA, K. G. O manual Novo Secretário Portuguez ou código epistolar anunciado nos jornais oitocentistas: a circulação do ensino de civilidade na província da paraíba. *Fênix - Revista de História e Estudos Culturais*, Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura da Federal de Uberlândia, v. 14, n. 1, 2017.

RESQUE, A. G. de C. Os autores franceses nas páginas do periódico O Liberal do Pará. In: *Revista Falas Breves*, n. 6, março de 2019. Disponível em: <https://www.falabreves.ufpa.br/index.php/revista-falabreves/article/view/113/0>. Acesso em 08 jan. 2025.

SALES, G. O romance-folhetim por entre terras brasileiras. In: BUENO, L.; SALES, G.; AUGUSTI, V. (Org). *A tradição Literária brasileira: entre a periferia e o centro*. Chapecó: Argos, 2013. p. 81-98.

TAVARES, M. L. G. C.; SALES, G. M. A. Guiomar Torrezão e as 'Cartas Lisbonenses': correspondência portuguesa nas páginas de 'O Liberal do Pará'. *Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, v. 26, n. 46, p. 165-176, 2019.

TOLEDO NETO, S. de A. Um caminho de retorno como base: proposta de normas de transcrição para os textos manuscritos do passado. *Travessias Interativas*. São Cristovão, n. 20, v. 10, 2020. p. 192-208. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Travessias/issue/view/944>. Acesso em 08 jan. 2025.

TORREZÃO, Guiomar. Cartas Lisbonenses. *O Liberal do Pará*. Belém. 1879. n. 169, n. 175, n. 192, n. 204, n. 233.

TORREZÃO, Guiomar. Cartas Lisbonenses. *O Liberal do Pará*. Belém. 1880, n. 3, n. 14, n. 26, n. 31, n. 36, n. 70, n. 100.

VASCONCELOS, J. L. *Lições de Filologia Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Portuguesa, 1911. p. 26.